

A VELHA GUARDA

ÓRGÃO LOCAL DO PARTIDO REPUBLICANO PORTUGUÊS

EDITOR:

Alcindo Dias Pereira

Propriedade da Empresa de A VELHA GUARDA

DIRECTOR:

Vitorino Simões Lopes Sampaio

Redacção e Administração: Rua 31 de Janeiro, 165—Composto e impresso na Tipografia de A TRADIÇÃO: Rua Miguel Bombarda—FAFE



No 1.º Aniversário da Morte DE Magalhães Lima

Nomes há que, pelo muito ouvir falar nêles, fulgem em nosso espírito como rajada de ideias e que sintetizam e fecham todo um pensar, estereotipando imagens tão reais que dir-se-iam espelhos flagrantes de nós mesmos. Muito embora andem arredados os pensamentos,

Bom, dum Justo, que nada conhecia além de fazer bem e que nada dizia que não fôsse verdadeiro.

Lídimo representante do ideal republicano, a sua figura austera e grandiosa esbate-se num esfumilho de Saúde, e vêmo-la erguer-se, como em horas passa-



relapsos de todo, ao ouvirmos pronunciar um nome que nos acompanha desde a infância, que caiu no agrado, na nossa simpatia, depressa silogisamos uma noção nítida daquilo que mais queremos e parece-nos lembrar pessoa querida que nos habituamos a contemplar no convívio da vida.

Magalhães Lima é um desses nomes.

A sua vida feita de apostolado, onde só a Verdade se vincava e reflectia, foi a vida dum Homem, na verdadeira acepção do termo, mas foi mais a vida dum

das, formidanda e bela, a ensinar ao Povo o que essa palavra mágica traduzia—República,—convencendo-o quer pelo brilho da pena quer pela influência da oratória.

Grande na vida, assim o foi na Morte.

E' por isso, que nós outros, republicanos, no 1.º aniversário da sua morte, o pranteamos e lhe desfolhamos as melhores flôres da nossa Saúde, a Ele que nos seduziu e encantou, a Ele que foi o estrênuo defensor das liberdades populares, o amigo dos humildes.

COISAS E LOISAS

Qui lavat asinum aquam et saponem perdit. Onde diabo vi eu êste acêrto? Não importa.

Tudo o que se faça para levar ás ventas daquêle excomungado um bocadito do rubor da vergonha resulta inútil; tudo o que se diga para lhe mostrar a mesquinhez dos seus sentimentos e a selvageria dos seus instintos é baldado. «Nemo» não tem emenda, como emenda não tem o seu peçonhento facciosismo. Agora sai-se-nos êle a pretender apoucar os merecimentos do grande democrata e grande português António José de Almeida. Com um cinismo que faz nôjo, o saco de veneno do conselheiro abre-se e vaza, pestilento, apreciações e confrontos desprimorosos, no inegável e pérfido empenho de velar as qualidades dêsse grande vulto da República. Vê-se-lhe o propósito cobarde, apesar da hipócrita imparcialidade com que finge revestir o seu desplante, o seu ousio. Que miséria e que cinismo! E que ódio!...

V. Ex.^{as} não ouvem? Vai grande zaragaté na capital entre dois afamados—os mais afamados—orientadores da lusa opinião. «Diário de Notícias» e «O Seculo» agatanham-se a valêr, com uma fúria borrascosa, tigrina, e uma lingua que mete num chinelo as mais experimentadas patelas da Feira da Ladra. As opiniões publicas—os grandes patuscos teimam em afirmar que são representantes da opinião pública—andam alarmados com o caso e, segundo nos informam, o Tribunal de Haia e a Sociedade das Nações vão reunir extraordinariamente, para tratar da questão, que, junto á deflagração chinêsa, põe em grave risco a paz planetária.

Ora, a meu vêr, isto é caso fatal.

As guerras na China só podem acabar quando não houver chinêses e a luta entre os dois colossos da tiragem e da expansão só se extinguirá quando lhes acontecer o que aconteceu aos grilos do padre Patagônia. E' das profecias, está

escrito no Velho Testamento e, por isso, não falha. E nós, os que não pertencemos á tal opinião pública—os grandes cabotinos!—todos contentes. Cá por mim até dou um jornal de cêra a St.º António.

E a coisa vai. Officiais do mesmo officio, meninos... Valha-nos essa esperança.

Morreu Clemenceau, o grande obreiro da vitória, o imortal defensor dos sublimes princípios da Grande Revolução, o cidadão no mais alto significado do termo.

Inabalável nas suas convicções, obediente sempre ás rígidas normas de justiça, que a si mesmo traçara, o «Tigre» soube morrer como sempre viveu—de pé.

A França perde com êle o seu maior estadista contemporâneo e a Democracia um dos seus mais ilustres propagandistas.

O seu maior elogio está nesta frase do ex-príncipe herdeiro da Alemanha: «Com um Clemenceau, os alemães teriam vencido a Guerra».

L. X. A.

Na Sociedade Martins Sarmento

FESTA EDUCATIVA

No dia 1.º de Dezembro realizou-se no salão nobre da Sociedade Martins Sarmento uma sessão solene para a entrega dos prémios ao professor que maior número de alunos apresentou a exame da 4.ª classe de ensino primário elementar e aos alunos mais distintos das escolas primárias officiais do concelho de Guimarães, no ano escolar de 1927 a 1928.

Festa essencialmente educativa e verdadeiramente encantadora foi realizada nesta data em virtude de a Sociedade Martins Sarmento ter na data reservada para esta solenidade anual guardado luto pelo falecimento da veneranda senhora que fôra esposa do seu sábio patrono.

Seriam doze horas foi aberta a sessão pelo Ex.^{mo} Sr. Administrador do concelho que presidiu á sessão no impedimento do Ex.^{mo} Presidente da Comissão Administrativa Municipal fazendo-se secretariar pelo Ex.^{mo} Sr. Inspector Chefe da Região Escolar e pelo Ex.^{mo} Sr. Dr. Ferreira da Cunha, membro da ilustre Direcção da Sociedade.

Pelo Ex.^{mo} Sr. Dr. Amaral dignissimo Vice-presidente da Direcção foi lido o discurso inaugural da festa.

Peça oratória muito bem de-

lineada e trabalhada, justificou o motivo do seu adiamento para esta data e patenteou a grande satisfação da Associação em a ir perpetuando.

Seguiu-se a entrega dos prémios—livros de caracter histórico, diplomas e envelopes contendo os prémios pecuniários, sendo cada premiado saúdado com uma salva de palmas.

O primeiro prémio a ser entregue foi o prémio «Simão Costa Guimarães» conferido ao senhor Director da Escola Central Masculina, professor Montes Guimarães.

Foi também entregue nesta festa o prémio instituído na Escola Central Masculina desta cidade pelo professor Jerónimo Ferreira Botelho para o aluno mais distinto da 4.ª classe que regeu na referida no ano lectivo de 1928-1929, uma caderneta da C. G. de Depósitos com 25\$00.

Terminada a entrega dos prémios foi dada a palavra ao Ex.^{mo} Sr. dr. Pinto Rodrigues, ilustre e inteligentissimo Advogado da comarca de Guimarães, que leu um primoroso discurso.

Sua Ex.^a, depois de encarecer e exaltar tão educativa festa, render homenagem ao fundador ilustre e sábio da Associação e rememorar os grandes homens que daquela tribuna se tinham feito ouvir, incitou as crianças premiadas ao cumprimento do dever, ao exercício das virtudes cívicas e morais, ao culto dos grandes homens, não se esquecendo de fazer justiça ao professorado primário português. Fechou a sua brilhante oração com a evocação da gloriosa data histórica de 1.º de Dezembro de 1640.

Seguiu-se-lhe no uso da palavra Sua Ex.^a o Ex.^{mo} Inspector Chefe da Região Escolar de Braga que pronunciou um discurso, meditado na essência e de excelente recorte literário, focando o problema da instrução educativa em Portugal que versou com a proficiência que a sua Ex.^a é peculiar.

Mais uma vez proclamou e justificou a necessidade de despertar as iniciativas locais e afervorar nas corporações administrativas o carinho e amor por tudo o que representa Instrução e Educação, convicto como está de que desta patriótica cruzada óptimos benefícios resultarão.

Congratula-se êste jornal por poder verificar que Sua Ex.^a está de acôrdo com ideias expendidas na sua secção «Instrução e Educação» quando se referiu ao problema financeiro e á treva em que ainda está mergulhado o povo português.

Terminado êste discurso, foi pelo ilustre presidente da mesa encerrada a sessão.

O salão estava muito concorrido, tendo bastantes assistentes de se conservar de pé.

A imprensa estava largamente representada pelos correspondentes dos jornais diários e redactores dos jornais locais, representando a «A Velha Guarda» o professor official, Jerónimo Ferreira Botelho.

A eterna história

Conheci numa terra fronteiriça um snr. Mota, que fabricava, pelo processo manual, chinélos para gente do campo. O negócio, pelo visto, corria-lhe bem, pois o nosso homem, passado pouco tempo depois de montar a sua industria, comprou a casa onde trabalhava, uma casa de provincia de dois andares; e como vivia sózinho neste mundo de Cristo, e a casa dispunha de muitos quartos, com a mira em amontoar mais *bagalhoça*, como elle dizia, passou a alugar quartos.

O caixeiro da loja de mercaria que havia em frente, logo que soube da montagem do novo negocio do sr. Mota, apressou-se logo a alugar-lhe um quarto, com caracter permanente.

O Mota ficou radiante com o amigo, por ser elle o seu primeiro freguês, e empregou o melhor dos seus esforços, para que ficasse bem instalado.

Como habitava no 2.º andar, escolheu para o amigo o quarto do 1.º andar que ficava por baixo do seu.

O amigo Mota é uma destas creaturas típicas, como há em todas as terras, que, devido ao seu feitio metido e trabalhador incansavel, conquistou a simpatia do povo da terra, o qual não para o depreciar, mas sim por bonomia, designava a sua casa por «Chinelo, Mota & C.ª», para assim classificar os seus mil e um negócios, em que elle se metia.

Nos hotéis da terra, sempre que não havia alojamentos para os seus hospedes, o gerente do hotel não estava muito tempo a matar a cabeça e virava-se para o «groom» e ordenava: «corre ali ao «Chinelo, Mota & C.ª» a vêr se há quartos para alugar»; e, assim se foi generalizando a alcunha do nosso impagavel Mota.

O Mota tinha o maldito costume de, sempre que se ia deitar, deixar cair as botas ao chão com grande estrondo. Descalçava a primeira... pum... fazia um barulho que parecia um trovão, e só depois e com todos os vagares é que deixava cair a segunda bota com a mesma semcerimónia... pum...

O pobre do caixeiro, que era quem aguentava com esta trovoadia diária, ao fim dum certo tempo, terminou por habituar-se a este barulho das botas e já não dormia enquanto o bom do nosso Mota não se dignasse a arremessar a segunda bota, para o chão.

Uma noite o proprietário da firma, o autêntico, como o povo lhe chamava, Chinelo, Mota & C.ª, depois de deixar cair no chão a primeira bota, lembrou-se dos

queixumes que o seu amigo caixeiro lhe fazia constantemente, e regenerando nessa noite, dêsse seu feitio, que não se podia classificar de incorrecto, porque fazia-o inconscientemente e sem intuitos ofensivos, colocou a segunda bota no chão, tão silenciosamente, que o caixeiro nesse dia não ouviu o costumeado... pum... da segunda bota.

O caixeiro que já estava em val-de-lençóis e pronto para dormir, mal acabasse de ouvir o estrondo da segunda bota, começou-se a impacientar com a demora pavorosa do seu visinho de cima em deitar ao chão a outra bota.

Deixou passar 10, 20, 30 minutos e como a segunda bota não havia meio de cair, já muito furo por tanto esperar, exclamou em tom bastante zangado: «*Oh seu Chinélo, deite ao chão a segunda bota, pois que eu quero dormir*».

Esta historieta, aliás verdadeira, vem a talho de foice, por causa dos boatos que nestes últimos tempos os monárquicos tem lançado nos *mentideros* públicos. Dá vontade de lhes gritar como o outro:

—«*Oh seu Chinélo, deite ao chão a segunda bota, porque nós queremos descansar*».

DREYFUS.

INSTRUÇÃO E EDUCAÇÃO

A salvação nacional pela acção escolar

IX

Estudam-se determinadas leis que regulam o movimento dos astros, bem como nas sciência fisico-químicas-naturais é possível constituir um sistema de leis verificadas pela generalização de certos fenómenos; todavia a incompleta observação destes e a relatividade da matéria e da força—que não obsta a cataclismos que podem chegar ao desaparecimento de astros—impedem o espirito filosófico ainda de alar-se á verificação de uma lei absoluta.

Tanto é certo não terem chegado ainda a conclusões incontrovertidas os que do estudo da vida dos povos pretendem fazer devisar leis históricas indefectíveis, como a deficiência da observação da vida das sociedades humanas não ter permitido ainda a constituição definitiva da história em sciência abstracta.

Os diversos povos não possuem ainda uma correla-

ção unitária patente á visão dos que procuram o elemento final do objecto da sociologia como sciência abstracta. A sua parte descritiva é muito completa e cheia de incertezas.

Não pôde ter-se como lei histórica o fenómeno do movimento constante e da evolução dos povos, porquanto mais é uma lei cósmica.

A evolução social produz em ordem de marcha sempre progressiva, constituindo uma série de constante e crescente perfectibilidade, em equação com um alto ideal educativo e moral; é porém facto a verificar plenamente.

Do que não resta dúvida, porém, é de que a razão de viver está sempre do mais bem colocado na luta, do mais forte.

O poder da tradição, da hereditariedade e da conquista do viver não deixa de influir no sentido de que as sucessivas gerações, conservem e respeitem bastante do que as passadas lhes transmitiram, sem obstar a que pelo esforço próprio vão acrescentando novas qualidades e perfeições ao espirito da humanidade e ás suas conquistas.

O autor de «A terra e o sistema social» registou que—isto seria o progresso indefinido, se os factos não provassem como no caminho ascensional das sociedades apparecem elementos perturbadores, não já como casos excepcionais, mas como modalidades inerentes á luta social».

O homem necessita de saber para progredir e poder opôr-se com vantagem aos elementos adversos, ficando na selecção o mais forte.

O equilibrio estabelece-se depois entre os vencedores. O espirito de investigação do homem iniciou-se naturalmente e com o estudo da vida fisica.

Pela associação, comparação, de composição e generalização dos fenómenos coordenou o espirito humano em primeiro lugar a astronomia e a física baseados nos raciocínios matemáticos.

O conhecimento integral dos fenómenos sociais desvendados pela história é para a pedagogia e para a economia politica uma sciência discritiva que permite a experiencia no método de investigação indutiva, subordinada á constituição das sciências matematicas, astronómicas, físicas, químicas e biológicas.

Esse conhecimento só pôde iniciar-se como coordenação filosófica após o homem ter-se apoderado da ideia da universidade e da unidade da espécie humana.

Prof. J. F. B.

3/12/929. Continúa.

PARTIDO REPUBLICANO PORTUGUÊS

AVISO

Comunica-se, por esta forma, a todos os filiados no Partido Republicano Português, dêsse concelho, que, tendo sido revisto e actualizado o cadastro do Partido, se encontram os cadernos patentes na sede do Centro Republicano de Guimarães, dêsde o próximo dia 12 até ao dia 17, das 10 ás 12 e das 14 ás 23 horas.

Durante esse periodo, recebe a Comissão Municipal qualquer reclamação que lhe seja apresentada por escrito contra a omissão ou indevida inscrição no Cadastro, de qualquer cidadão.

No praso de oito dias a Comissão Municipal resolverá sobre todas as reclamações recebidas, comunicando aos reclamantes não atendidos a sua decisão e respectivos fundamentos, em seguida ao que se considerará definitivamente reorganizado e em vigor o Cadastro com as modificações que tiver sofrido.

Guimarães, 8 de Dezembro de 1929.

Pela Comissão Municipal,

António José Ferreira da Cunha

Secretário.

NOTÍCIAS ESCOLARES

Cumpre-nos declarar que nesta secção não se olhar a pessoas, não se cura de revinditas, nem tampouco de armar em mentor de ninguém.

O funcionário da instrução popular é que nos não pode ser estranho; e os seus actos—aquêles que representem direcção e administração do ensino—serão comentados desapassionadamente, sempre de olhos postos nos regulamentos e nas iniciativas que é necessário tomar para o desenvolvimento e aperfeiçoamento do ensino.

O jornal é por indole essencialmente politico—é republicano—mas o redactor desta secção pôs a questão fóra de toda a politica pessoal, subordinando a sua acção á politica da instrução e educação popular. Estamos autorizados—se in pretendermos oferecer-nos para procurador de quem quer que seja—a, nesta secção, tomar a defesa de qualquer colega acintosamente proseguido, desde que nos forneça elementos de informação assinados.

Questões de bairrismo estão naturalmente indicados para os naturais de Guimarães, se bem que interessem a todos os que aqui vivem.

Ora o assunto instrução interessa á nacionalidade e por isso pode ser tratado por um professor que há ano e pouco aqui foi colocado.

No Centro Republicano já funciona com regularidade a escola primária ali inaugurada no dia 5 de Outubro do ano corrente. Estão matriculados na 1.ª, 2.ª e 4.ª classes 36 alunos.

Uma nota do M. I. Pública exara que dêsde o dia 10 de Dezembro em diante não serão permitidos mais desdobramentos nas escolas primárias da República.

Tendo as providências tomadas pelo Ex.º Sr. Inspector Chefe da Região Escolar no cheio ardente de atacar de frente o analfabetismo que muito a honra, provocado um a extraordinária afluência ás escolas publicas, não retardem os senhores professores daquelas cuja matricula tenha atingido o numero referido na circular da Ex.ª Inspeccão da Região Escolar de Outubro próximo passado as suas propostas.

Mais uma *démarche* se fez perante o Ex.º Sr. Couto, digno Administrador dêsse concelho no sentido de sua Ex.ª promover que aos professores seja permitido habitarem as antigas residências que fazem parte do prédio em que funcionam as escolas primárias desta cidade.

Garantiu s. ex.ª que, logo que houvesse receita seria elaborado um orçamento suplementar em que incluiria verba para as obras necessárias.

Pelo conhecimento que temos das diligências que a Inspeccão da Região Escolar ds Braga tem executado muito gratos estamos ao Ex.º Sr. Inspector Chefe.

E quem quer que a sua Ex.ª atribua responsabilidades na demora da resolução dêsse assunto não é justo ou não quer vêr que não é com uma ligeira reparação que os aposentos de S.ta Luzia pode servir de residência aos professores, sendo o mais ainda aquêles que levem as suas insinuações além Inspeccão da Região.

A senhora professora D. Maria Augusta foi provida interinamente na Escola Central Masculina desta cidade, após o desdobramento da 1.ª classe, cujos alunos que excediam o numero rasoável das turmas passaram no dia 24 de Novembro a formar a nova turma sob a regência da senhora professora de Prazins que na mesma escola tinha sido mandada prestar serviço em comissão.

Não se compreende bem, pois, que estando nos principios de Dezembro vago um lugar proveniente dos desdobramentos das 2.ª e 3.ª classes, a senhora professora interina não o ocupasse e lhe fôsse ordenado pela Direcção da Escola que prestasse serviço na nova turma da 1.ª classe, transitando para outra turma a professora que a regia.

A certa altura dos reparos, informam-nos, respondeu o senhor director que quem distribuia o serviço que era elle.

Registemos esta imposição da autoridade do cargo que ainda não soubemos nem podemos reconhecer como baseada na Lei e nos seus regulamentos, que a distinta colega deve conhecer para saber quando deve obedecer ou protestar.

Assinaí «A VELHA GUARDA»